

Show de Stevenson

27.10.56

NEW YORK, 23 (Pela Varig) — Estou chegando neste momento do Madison Square Garden, onde tantas vezes se decidiu o campeonato mundial de box. A luta que se desenvolve ali nestes dias é outra: é a luta pela presidência dos Estados Unidos durante os próximos quatro anos. Esta noite falou Stevenson; depois de amanhã falará Eisenhower. É a última oportunidade que os dois têm de pedir os votos dos cidadãos da maior cidade do mundo para um cargo que é também considerado «o mais importante emprêgo do mundo».

Quando chegamos — o meu colega Teófilo de Andrade, dos «Associados», e eu — a maior parte do «show» já havia passado. Mas ainda nos tocou ouvir um excelente cantor negro e um trio de jovens tocando o «rock'n'roll», um deles cavalgando o contra-baixo ou se deitando em cima dele. Lindas pequenas vestidas em dois tons de azul com chapuzinhos à maneira daquelas mocinhas dos filmes da conquista do «Far-West» passeavam com sombrinhas, entre a multidão que empunhava cartazes com os nomes e retratos dos candidatos democráticos. Nas sombrinhas também estavam escritos os nomes de Stevenson e Kefauver; uma banda de música atacava marchas e em tudo havia uma alegria entre cívica e circense.

Naturalmente as agências já publicaram aí um bom resumo do que Stevenson disse. Ele apareceu entre gritos e palmas, com um costume azulado e gravata cinza, lençinho branco no bolso de cima, sapatos avermelhados — éle mesmo também um pouco avermelhado, e não moreno como as fotografias deixam supor. Calvo, mais baixo do que alto para o padrão americano, tem o corpo meio rotundo e um sorriso simpático; parece menos um político do que um escritor. Antes dele falou a senhora Roosevelt; foi emocionante ver a velha senhora, com seus 72 anos, um vestido roxo muito simples, os cabelos brancos, a cara mais feia e mais simpática do mundo, dizer algumas palavras ao microfone sob grandes aplausos. O prefeito da cidade, Wagner, muito jovem, tem um ar de deputado brasileiro que frequenta «boite»; o senador Lehman é baixo, calvo e popularíssimo, e o governador Harriman, que dirige este Estado tão populoso como a Argentina, alto, louro, meio recurvo, me pareceu uma figura estranhamente familiar, até que Teófilo de Andrade disse o nome do homem de quem eu queria me lembrar: é o jornalista Brasil Gerson, sem tirar nem pôr.

O discurso não apresentou grandes novidades nesta campanha. Muito bem escrito, éle tocou nos pontos em controvérsia, e se referiu à expressão de Eisenhower segundo a qual as promessas democráticas são «empadas no céu». Disse que muitas «empadas no céu» o Partido Democrático já as trouxe para a terra, com o salário mínimo, a segurança social, o auxílio à lavoura, todo o New Deal. Falou com sarcasmo dos três «P» da campanha republicana: Prosperidade, Progresso e Paz, do fato do atual presidente abdicar de muitos de seus poderes em mãos de outrem («sabemos que esta é uma administração de homens de negócios, mas quem é o chefe da loja?») e ganhou grandes aplausos quando atacou Nixon, saudou o Estado de Israel, insistiu na suspensão das experiências com bombas de hidrogênio e acusou Eisenhower de não estar encorajando os esforços dos que lutam contra a discriminação racial nas escolas. Havia três negros no palco, que depois tiraram fotografias abraçando o candidato; este, terminado o discurso, ficou uns quinze minutos posando para a imprensa e a televisão, agradecendo os aplausos, agitando os braços, sorrindo. E a festa acabou. Sem aquêles delírios de alguns comícios brasileiros — com um entusiasmo diferente, mais alegre e mais bem educado...

Mas a impressão geral é de que, embora tenha ganhado terreno em New York, Stevenson ainda desta vez não conseguirá vencer no Estado (na capital parece provável) e terá contra si, portanto, todos os 45 membros do Colégio Eleitoral (de 531 votantes) que cabem no chamado «Imperial Estate». Eu sentirei muito se isso acontecer, por vários motivos — inclusive pela tristeza que apagará o lindo sorriso daquela moça de rabo-de-cavalo e costas nuas que estava perto de nós e agitava o corpo ao compasso da charranga e batia palmas, batia palmas, batia palmas...